

nara roesler

virginia de medeiros



---

## virginia de medeiros

n. 1973, feira de santana, brasil

vive e trabalha em são paulo, brasil

Virginia de Medeiros utiliza estratégias documentais como forma de transgredir relatos hegemônicos, dando voz e visibilidade a indivíduos tradicionalmente negligenciados pela história. Para isso, a artista lida com pressupostos comuns aos campos da arte e do documentário: o deslocamento, a participação e a fabulação.

Medeiros não busca “capturar o Outro”, mas registrar sua imagem de modo a abrir espaço para que narrativas subjetivas venham à tona, respeitando a singularidade de cada pessoa e situações retratadas. Medeiros tem utilizado a fotografia e o vídeo como ferramentas de representação de identidades e subjetividades tradicionalmente deixadas à margem, tais como transsexuais, trabalhadoras do sexo, pessoas em situação de rua ou abandono. As imagens costumam surgir de um processo imersivo de pesquisa e vivência com as retratadas, minimizando os excessos de um olhar potencialmente etnográfico e carregado de pressupostos, ao mesmo tempo que amplia a intimidade entre o retratado e a obra.

---

## [clique aqui para ver cv completo](#)

### seleção de exposições individuais

*Clamor*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2019)  
29º Programa de exposições, Centro Cultural São Paulo (CCSP), São Paulo, Brasil (2019)

*Studio Butterfly e outras fábulas*, Galeria Fayga Ostrower, Complexo Cultural Funarte, Brasília, Brasil (2018)

*Jardim das Torturas*, Ateliê Aberto, Campinas, Brasil (2013)

*Faille*, La Chambre Blanche, Montreal, Canadá (2007)

### seleção de exposições coletivas

*Ao que vai nascer*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2022)

11ª Bienal de Berlim, Alemanha (2020)

À Nordeste, Sesc 24 de Maio, São Paulo, Brasil (2019)

3ª Bienal de Arquitetura de Chicago, Chicago, EUA (2019)

*Histórias da sexualidade*, Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil (2017)

Jogja Biennale 14, Indonésia (2017)

31ª Bienal de São Paulo, Brasil (2014)

### seleção de coleções institucionais

Associação Cultural Videobrasil, São Paulo, Brasil

Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil

Instituto Inhotim, Brumadinho, Brasil

Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil

Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil

Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

---

<b>4</b>	espiritualidade e ancestralidade
<b>8</b>	retratos e relatos
<b>24</b>	corpo e sexualidade
<b>45</b>	o espaço e o indivíduo

---

---

## espiritualidade e ancestralidade

A religião é não só um modo de se exercer a espiritualidade, mas também um elemento fomentador de subjetividade, devido às crenças, preceitos e tabus que a envolvem. Recentemente, Virginia de Medeiros tem se debruçado sobre a temática, principalmente voltando-se para as religiões e suas interconexões com questões relativas ao gênero e à sexualidade.

*Ìyá Agbára* (2020), foi o projeto de Virginia de Medeiros apresentado na 11ª Bienal de Berlim, instituição responsável pelo comissionamento da obra. O trabalho nasceu do exercício coletivo com a comunidade do Ilê Obá Sileké, primeira e única casa de Candomblé da Alemanha, contando com a colaboração de Gilmara Guimarães e Virginia Borges que dividem a autoria com a artista. *Ìyá Agbára* foca no matriarcado no Candomblé e o conhecimento corporal como empoderamento feminino. O título do trabalho provém de duas palavras da língua Yorubá: *Ìya* significa mãe; e *Agbára* significa força, potência e poder, também servindo para denominar Exu, orixá ligado aos princípios de movimento, comunicação e criatividade no Candomblé.

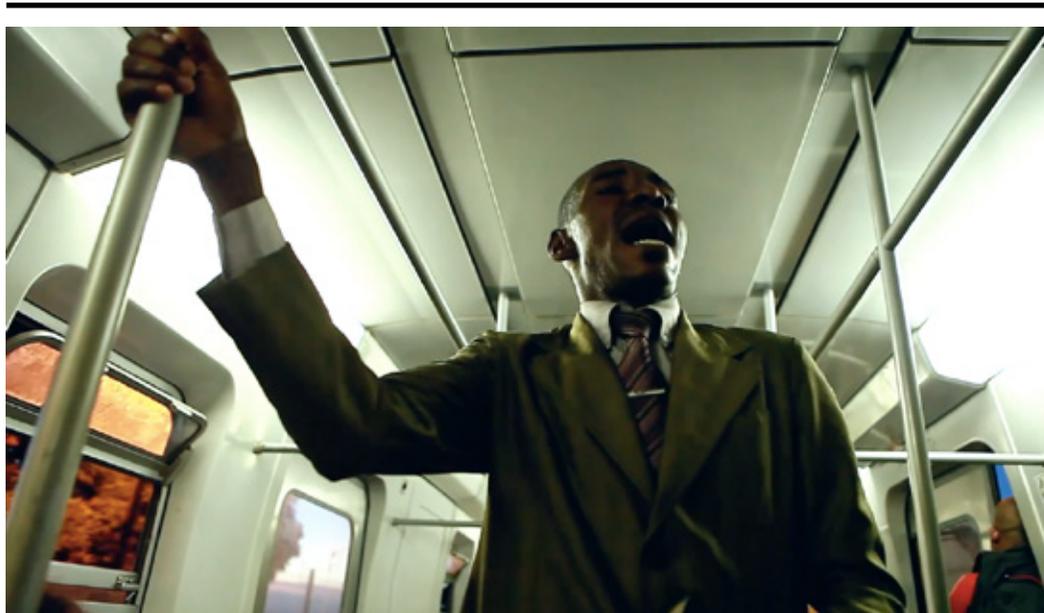




A videoinstalação constitui-se por retratos filmados em película 16mm Kodak color negativo. Através do recurso de múltiplas exposições, a artista combina elementos de mobilidade e imprevisibilidade, para construção de cada retrato. O procedimento fez surgir imagens com múltiplas presenças, levando-nos a refletir sobre um outro modus operandi de produção da realidade, baseando-se nas perspectivas da multilateralidade, multitemporalidade e multidimensionalidade que constituem o universo do Candomblé.

*Iyá Agbára*, 2020  
filme 16mm transferido  
para HD, cor, som  
11'32"

Virginia de Medeiros, Gil DuOdé  
e Virginia Borges



---

Filmado em um trem urbano no Subúrbio Ferroviário de Salvador, Bahia, *Trem em transe* (2019) segue Sérgio Costa dos Santos, um pastor neopentecostal. Esse personagem vem sendo documentado pela artista há quatorze anos, tendo sido também o protagonista do seu filme *Sérgio e Simone*. Com a bíblia em punho, no corredor do trem, Sérgio, expressa sua transformação espiritual e corporal ao abraçar a religião. Após o testemunho de fé, os missionários iniciam cantos de louvor ao som do atabaque e do pandeiro, tocados ao vivo no trem. Inicia-se uma manifestação física, uma espécie de transe que, de acordo com os praticantes, são manifestações do Espírito Santo de Deus. O êxtase se espalha pelo trem, e passageiros também dançam, giram e entram em transe junto aos pregadores. Os movimentos facilmente podem ser relacionados com aqueles encontrados em manifestações de adoração de religiões afro-brasileiras, friccionando o espaço de tensão entre essas religiões.





---

## retratos e relatos

A imagem, em Virginia de Medeiros, frequentemente torna-se inseparável da palavra, do relato dado pelo indivíduo retratado. A artista funda processos colaborativos que visam amplificar vozes, rompendo com hierarquias na relação tradicional entre a artista e o outro.

O projeto *Alma de Bronze* é resultado da convivência de Virgínia de Medeiros com lideranças femininas do Movimento Sem Teto do Centro (MSTC), de São Paulo. O contato da artista com o movimento começou em 2016, ao participar da residência artística Ocupação Hotel Cambridge, na qual Medeiros pôde viver durante três meses, experienciando e registrando o cotidiano de militância das mulheres do MSTC em uma série de fotografias e depoimentos em vídeo. No ano seguinte, a artista participou, junto ao movimento, do processo de formação da Ocupação 9 de Julho, em São Paulo.

---

Joana Pereira da Conceição,  
*Guerrilheiras*, da série *Alma de Bronze*, 2017  
impressão jato de tinta em  
Hahnemühle Photo Rag 208  
90 x 60 cm

---

A série resultou em um conjunto de retratos de treze militantes, intitulado *Guerrilheiras*. O diálogo que se estabelece nas fotografias se pauta na construção de imagens de guerreiras e heroínas, cujo conflito muitas vezes é o próprio cotidiano. Já na videoinstalação *Quem não luta tá morto* (2018), vemos as mesmas mulheres apresentarem depoimentos em vídeos. As interlocutoras de Medeiros mostram suas subjetividades e suas relações com o ativismo que produz não apenas seu sustento, mas seu território existencial e afetivo, insistindo em afirmar sua força e, sobretudo, sua diferença. Ambos os trabalhos participaram da exposição *Alma de Bronze* na própria Ocupação 9 de Julho, em 2018. Esse gesto revela o compromisso de Virgínia de Medeiros em não só retratar uma realidade, mas se incorporar a ela, introduzindo no campo da arte contemporânea um diálogo fértil com a realidade complexa que nos cerca.

---

Maria Luiza dos Santos e Adriana Santos Menezes, *Guerrilheiras*, da série *Alma de Bronze*, 2017  
impressão jato de tinta em  
Hahnemühle Photo Rag 308  
90 x 60 cm





---

*Daniela Santos Neves, Guerrilheiras,*  
da série *Alma de Bronze*, 2017  
impressão jato de tinta em  
Hahnemühle Photo Rag 308  
90 x 60 cm



---

Leonice Penteado Lucas,  
Guerrilheiras, da série *Alma  
de Bronze*, 2017  
impressão jato de tinta em  
Hahnemühle Photo Rag 308  
90 x 60 cm



---

Maria das Neves Pereira,  
Guerrilheiras, da série *Alma  
de Bronze*, 2017  
impressão jato de tinta em  
Hahnemühle Photo Rag 308  
90 x 60 cm



---

Elizabete Afonso Pereira,  
Guerrilheiras, da série *Alma  
de Bronze*, 2017  
impressão jato de tinta em  
Hahnemühle Photo Rag 308  
90 x 60 cm

---

→  
vistas da exposição  
*Alma de Bronze*, 2018  
Galeria Reocupa,  
Ocupação 9 de julho,  
São Paulo, Brasil







SAÍDA

3 andar



GALERIA REOCUPA  
APRESENTA  
ESQUIZOFRENIA  
DA FORMA  
E DO ÉXTASE  
NELSON FELIX



OCUPAÇÃO  
9 DE JULHO  
rua alvaro de carvalho  
427

**ALMA  
DE  
BRONZE**  
virginia de medeiros  
exposição 1 set - 4 nov

427



427  
← GALERIA REOCUPA







---

*Clamor*, por sua vez, é um desdobramento da série *Alma de Bronze*, apresentado no Instituto Tomie Ohtake (ITO), como parte do programa Arte Atual, em 2019.

A videoinstalação trazia 13 retratos em vídeo das militantes do MSTC, que encaram a câmera, ao som de trilha sonora feita pela Mestre de percussão Beth Beli junto ao produtor musical Guilherme Kastrupe. Medeiros também organizou três ativações com convidados de diferentes áreas, tais como filosofia, arquitetura, urbanismo, além das próprias ativistas retratadas, para debater questões relativas à moradia. Somente durante essas conversas, os tambores cedem o volume em favor das vozes presentes. Afinal, clamor é o ato de comunicar um forte desejo, uma necessidade imprescindível. Durante um mês e meio, Virginia de Medeiros instalou um estúdio fotográfico

---

←

vista da exposição  
3ª Bienal de Chicago, 2019  
Chicago, Estados Unidos

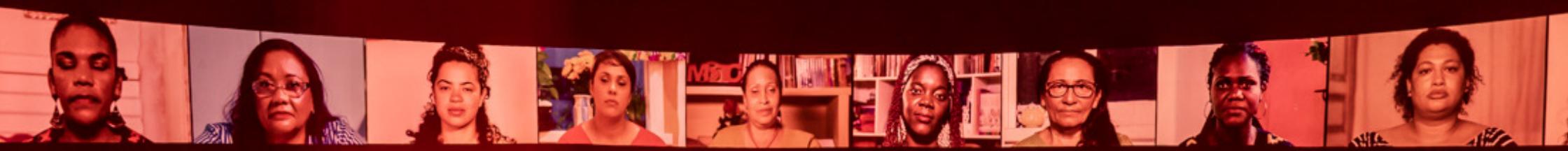
---

*Clamor, Guerrilheiras*,  
da série *Alma de Bronze*, 2019  
vídeo-instalação em 13 canais, cor,  
som surround e material de arquivo  
1'37"

---

→

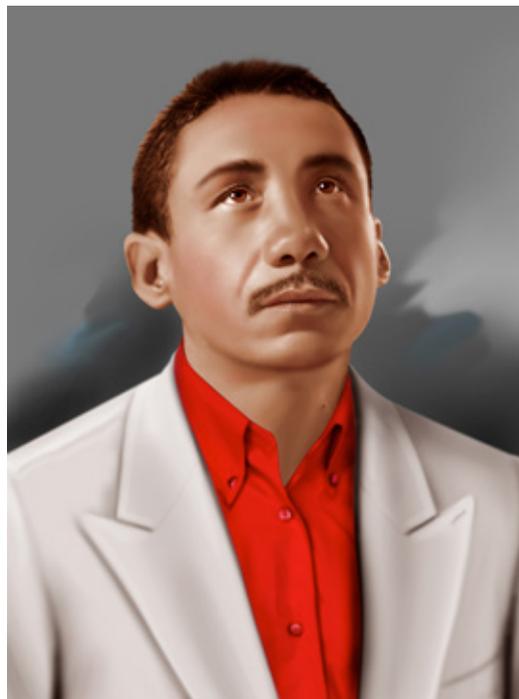
vista da instalação  
*Clamor*, 2019  
Instituto Tomie Ohtake,  
São Paulo, Brasil  
Foto © Erika Mayumi





CLAMOR

em dois refeitórios destinados a pessoas em situação de rua na cidade de Fortaleza, Ceará. A artista retratou 21 colaboradores em uma série fotográfica, assim como colheu seus depoimentos em vídeo e lhes dirigiu uma pergunta-chave: Como você gostaria de se ver ou ser visto pela sociedade? *Fábula do olhar* (2012-2013) é o resultado desse processo. As imagens finais foram feitas pelo fotopintor Mestre Júlio dos Santos, que a artista convidou para colorir os retratos de acordo com as revelações de cada indivíduo. Como resultado temos uma imagem-fábula que traz à cena o jogo entre o real e a imaginação. Cada fotopintura é acompanhada por um texto no qual o retratado relata sua história de vida, além de um áudio, que apresenta a cacofonia dessas vozes, solicitando uma escuta atenta para que haja compreensão.



Andrade, da série *Fábula do Olhar*, 2013  
fotopintura digital impressa sobre  
papel de algodão, depoimento  
impresso, som  
120 x 90 cm e 40 x 50,5 x 5 cm



Maria da Penha, da série *Fábula do Olhar*, 2013  
fotopintura digital impressa sobre  
papel de algodão, depoimento  
impresso, som  
120 x 90 cm e 40 x 50,5 x 5 cm



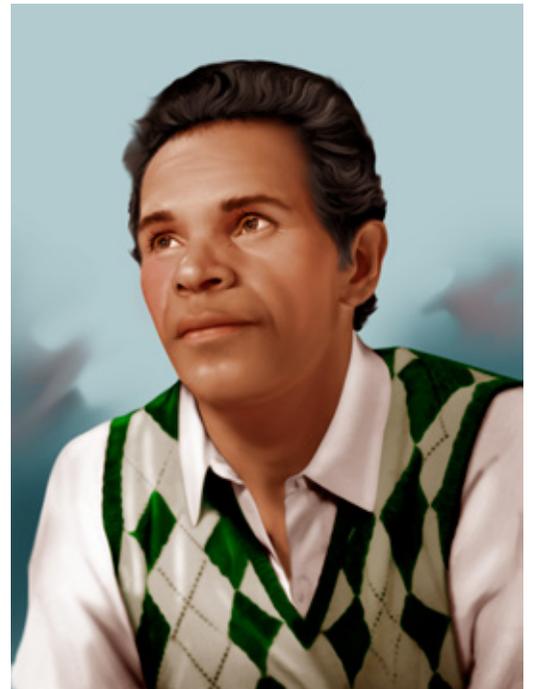
---

Jéssica, da série *Fábula do Olhar*,  
2013  
fotopintura digital impressa sobre  
papel de algodão, depoimento  
impresso, som  
120 x 90 cm e 40 x 50,5 x 5 cm



---

Alexandre, da série *Fábula do Olhar*,  
2013  
fotopintura digital impressa sobre  
papel de algodão, depoimento  
impresso, som  
120 x 90 cm e 40 x 50,5 x 5 cm



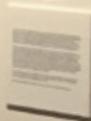
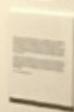
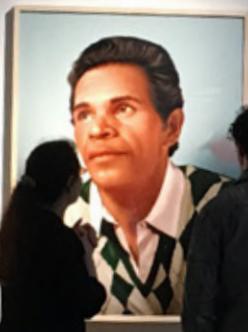
---

Zé Carlos, da série *Fábula do Olhar*,  
2013  
fotopintura digital impressa sobre  
papel de algodão, depoimento  
impresso, som  
120 x 90 cm e 40 x 50,5 x 5 cm



---

→  
vista da exposição  
*Behind the Sun*, 2016  
HOME  
Manchester, Reino Unido



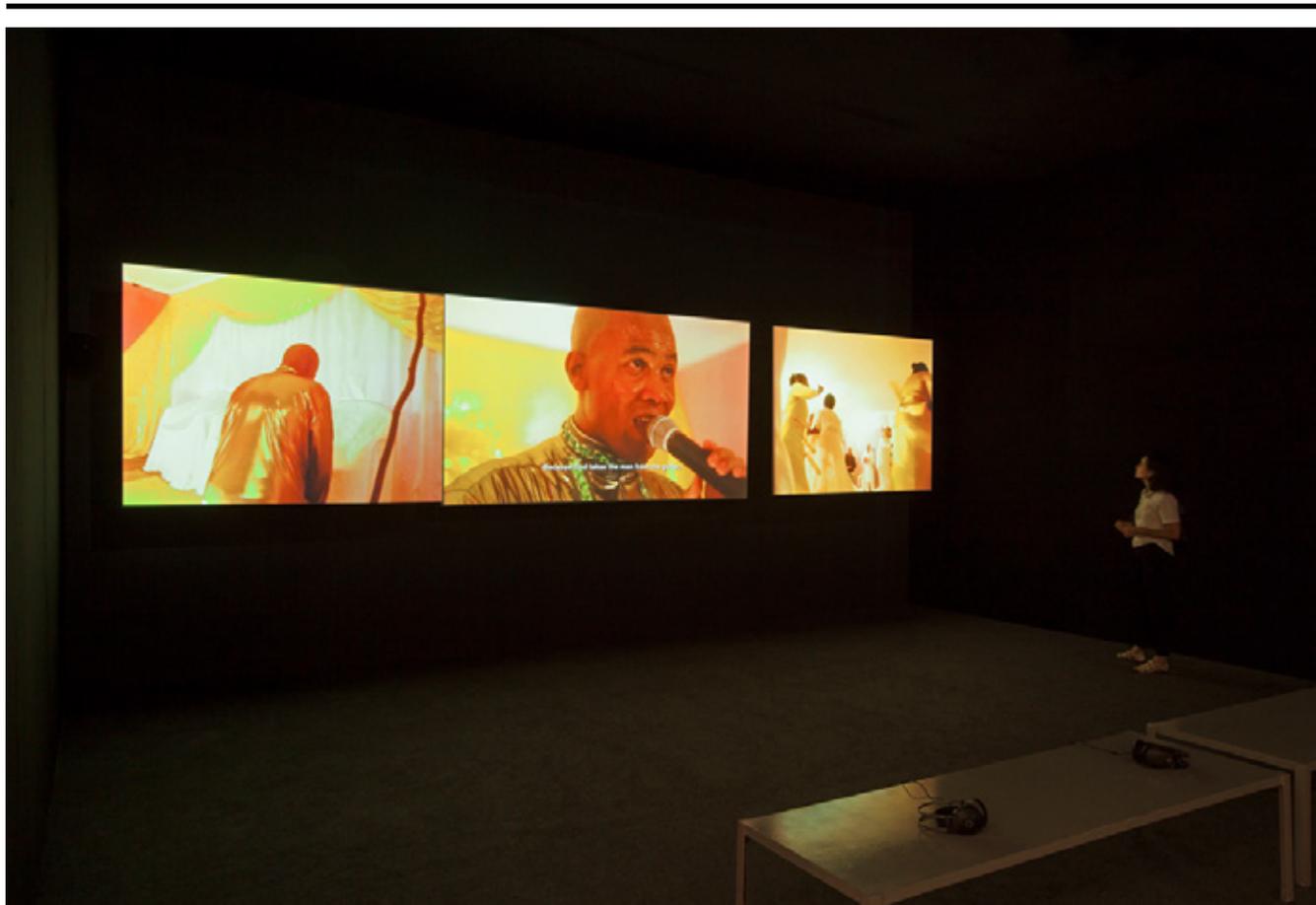
---

## corpo e sexualidade

Entre os temas que habitam o universo artístico de Virginia de Medeiros, encontramos o corpo e a sexualidade. Como é comum em seu processo, a artista realiza investigações focadas no modo como experiências subjetivas se encontram imbricadas em contextos sociais mais amplos.

*Sérgio e Simone* (2007-2014) é um dos mais icônicos trabalhos que a artista realizou sobre o tema. Há 14 anos Medeiros vem documentar a vida de Sérgio Costa dos Santos, que vive em Salvador, Bahia, construindo uma obra em processo, aberta ao próprio movimento da vida. Segundo a artista: “Quando conheci Simone, uma travesti, ela morava há pouco tempo com seu companheiro numa casa arruinada na Ladeira da Montanha, antiga ligação entre a Cidade Alta e Baixa. Como a maioria dos habitantes desta área, uma das mais degradadas da cidade de Salvador, Simone era usuária de drogas, mas também cuidava espontaneamente de uma fonte que havia ali, a Fonte da





Misericórdia, que tratava como um santuário para culto de seus orixás. Cerca de um mês depois da primeira filmagem, Simone entra em convulsão por causa de uma overdose de crack, seguida de um delírio místico, no qual acredita ter se encontrado com Deus, um encontro que a teria feito escapar da morte. A partir desse episódio Simone abandona a sua condição de travesti, volta para casa dos pais, retoma o seu nome de batismo Sérgio e, num surto de fanatismo, se considera uma das últimas pessoas enviadas por Deus para salvar a humanidade.”

O personagem narra para a câmera a sua história de transformação corporal e espiritual como pastor neopentecostal, ao mesmo tempo que demoniza as divindades das religiões de matriz africanas. A última versão do filme possui um único canal com três janelas de projeção que contam a história simultaneamente, criando uma narrativa não linear que solicita uma avaliação sensível da temática por parte do espectador, uma vez que o leva a experimentar a livre associação entre imagens e sons, possibilitando-o tirar suas próprias conclusões.

---

vista da instalação  
*Sérgio e Simone*, 2014  
31ª Bienal de São Paulo  
São Paulo, Brasil

---

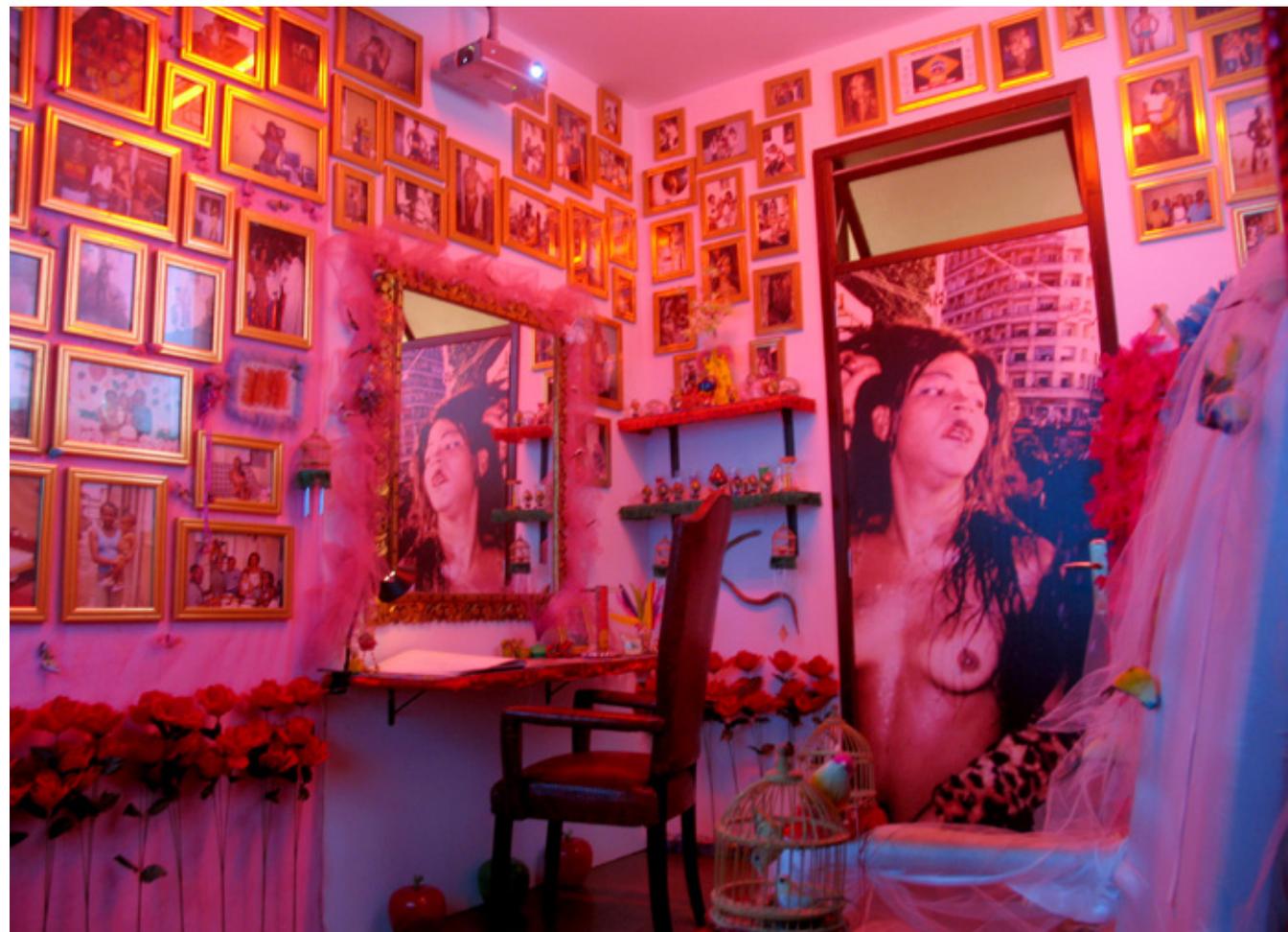
→  
vista da exposição  
31ª Bienal de São Paulo, 2014  
São Paulo, Brasil



“Entrar em contato com todo repertório que compreende Studio Butterfly”, escreveu a curadora Luisa Duarte, “faz com que, por vezes, esqueçamos que estamos diante de travestis, mas sim diante de Patrícia, Thalia, Sendy, Michelle, Baiacu, e tantas outras, cada uma de suas personagens, não tratando o gênero travesti como território homogêneo. Se pensarmos que a estabilidade das visões normativas, preconceituosas, perpetua a intolerância e a discriminação, a colocação em obra deste novo olhar – que tem morada na arte – teria também uma dimensão ética. No lugar do ‘outro’, entraria ‘o nós’.”

Durante um ano e meio, em um edifício comercial no centro de Salvador, Virginia de Medeiros conduziu o Studio Butterfly. Tratava-se de um ponto de encontro para travestis, que contribuíram para a construção do espaço ao trazerem elementos visuais próprios de suas trajetórias e experiências, tais como fotos antigas e recentes, junto a familiares, amigos e amores. Sentadas na “poltrona dos afetos”, elas contavam histórias de suas vidas, que eram registradas em vídeo. O projeto contou com a colaboração de Silvana Olivieri e se encontra documentado em um livro de título homônimo.

vista da instalação  
*Studio Butterfly*, 2014  
vídeo instalação  
24'7" (3 projeções simultâneas)



→  
*Baiacu*, da série *Studio Butterfly*,  
2015  
impressão lenticular, madeira  
e serigrafia sobre acrílico  
65 x 50 cm

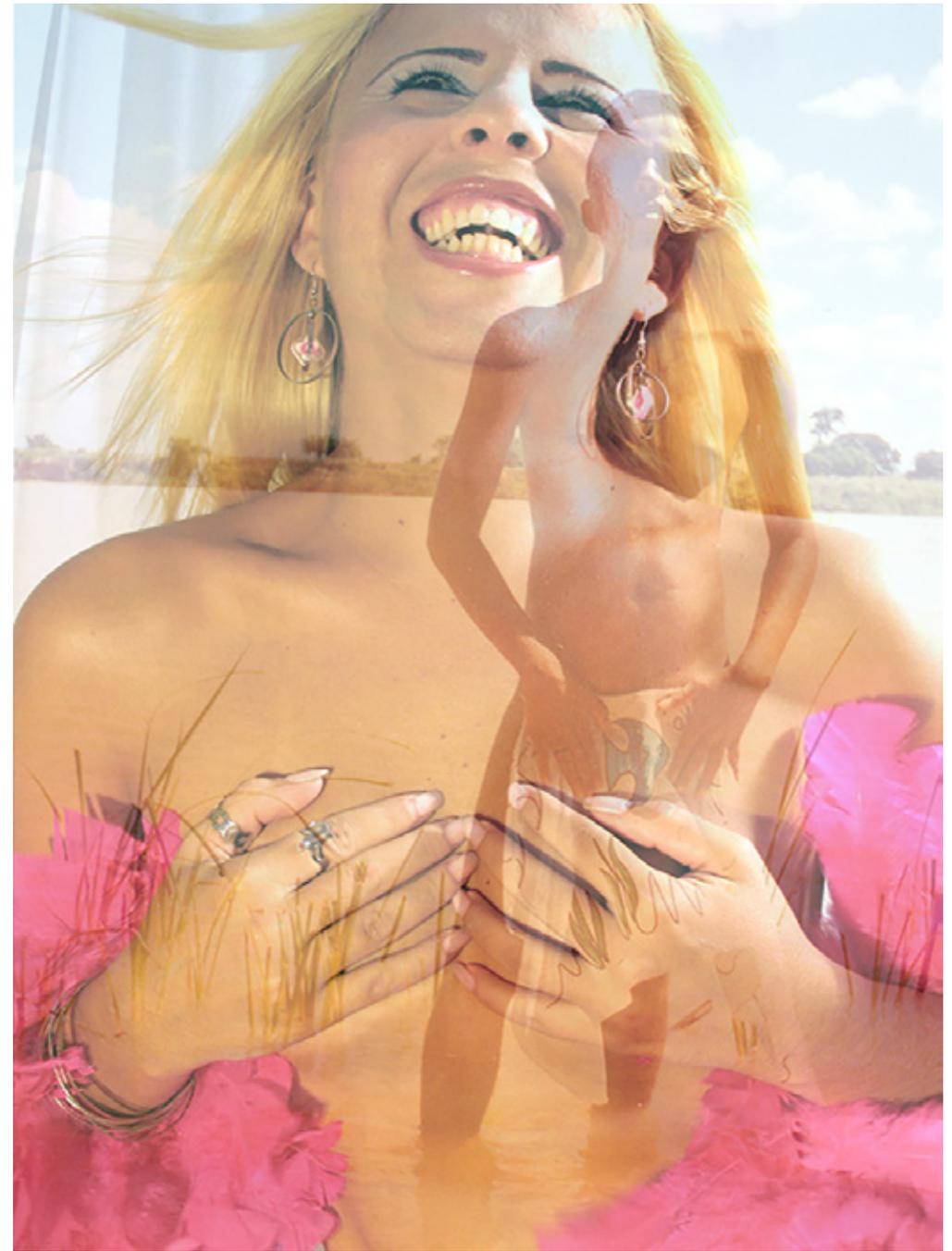


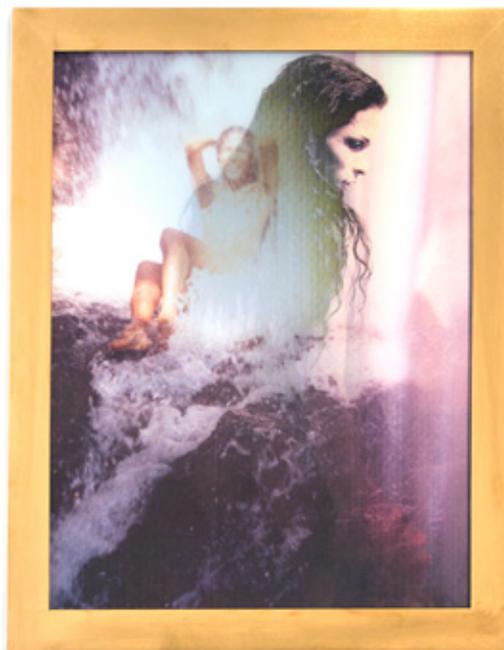
### Baiacu

Eu me descobri eu tinha treze anos. Eu fiquei meio confusa sem saber o quê que eu queria de minha vida. Mas, aí, eu via um homem passar, um outro passar... Eu achava bonitinho. Vi que era aquilo que eu queria, que eu não sentia atração sexual por mulher, mas, sim, por homem.

## Patrícia

Você é travesti, você enfrenta preconceito da sociedade. Você enfrenta o mundo, praticamente. Aí a minha mãe olha pra mim e diz assim: "Eu te amo. Você é a única coisa que eu tenho na minha vida." Então, isso marca a vida da gente.





### Rose

Gosto da prostituição. Tem momentos na vida que a gente fala: "Não! Ah, isso não é vida pra mim. Não tá certo esta vida de rua, de noite." Mas depois nada melhor do que um dia após o outro, né? Você já sai com uns clientes maravilhosos! Você se alegra e você já diz: "Não, este é meu meio." Então são coisas que acontecem em qualquer vida de gente, do ser humano, né? Não importa quem seja, tem o momento bom e o momento ruim.

---

←

Patricia, da série *Studio Butterfly*,  
2015  
impressão lenticular, madeira e  
serigrafia sobre acrílico  
65 x 50 cm

---

Rose, da série *Studio Butterfly*, 2015  
impressão lenticular, madeira e  
serigrafia sobre acrílico  
65 x 50 cm





### Sendy

Porque eu acho que já trouxe de berço. Já nasci pra ser uma menininha, só que deu alguma coisa de errado. Tem horas que eu me sinto travesti, tem hora que eu me sinto uma menininha. Às vezes até esqueço que sou travesti, mas quando eu tiro a roupa eu me lembro.

---

*Sendy*, da série *Studio Butterfly*,  
2015  
impressão lenticular, madeira e  
serigrafia sobre acrílico  
65 x 50 cm



Em *Jardim das torturas* (2013), por sua vez, Virginia de Medeiros se lança no universo sadomasoquista. As imagens fotográficas, em vídeo, assim como as instalações, as gravuras e a performance, surgiram da convivência da artista com Dom Jaime, um dominador, e suas duas “escravas”, que viviam juntos sob o mesmo teto há seis anos. O foco da artista residia na seguinte questão: Como adentrar neste universo rompendo os estigmas que resumem o sadomasoquismo a uma parafilia? A resposta foi encontrada nos próprios diários íntimos das escravas, espaço onde elas, após as sessões sadomasoquistas, descreviam em detalhes tudo que vivenciaram, de modo a afirmarem suas subjetividades.

*Jardim das Torturas*, 2012–2014  
videoinstalação monocal com  
olho mágico, cor, som surround  
8'55" (loop)







---

*Auto-retrato*, da série  
*Jardim das Torturas*, 2012–2014  
fotografia  
67 x 200 cm

... e assim a ...  
só tanto por não ter aguentado mais tempo cor

Diário Íntimo de senhora SM

Delicadamente humilhada com os pés

Agora a memória me falha depois de tanto sofrer, neste exato momento, para descrever e de sentir dor com o orgulho de pertencer Don Jaime, em mais uma noite

---

Virginia de Medeiros também se interessa pela prostituição, profissão marginalizada, mas que desempenha um importante papel social e econômico na sociedade.

*Em torno dos meus marítimos* (2014) – trabalho comissionado por Paulo Herkenhoff e Clarissa Diniz para a exposição *Do Valongo à Favela*, no Museu da Arte do Rio (MAR) em 2014 – é a primeira incursão da artista em torno da temática. Medeiros centra o trabalho na figura de Marinalva, a dona de um prostíbulo na zona portuária de Salvador.

---

*Manilas Bar – Casa da Marinalva*, da série *Em torno dos meus marítimos*, 2014  
fotografia digital sobre papel  
de algodão  
50 x 70 cm

---

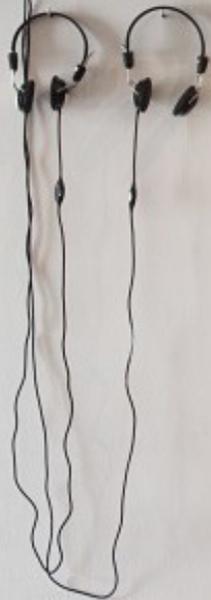
→  
*Manilas Bar – Casa da Marinalva*, da série *Em torno dos meus marítimos*, 2014  
fotografia digital sobre papel  
de algodão  
50 x 70 cm

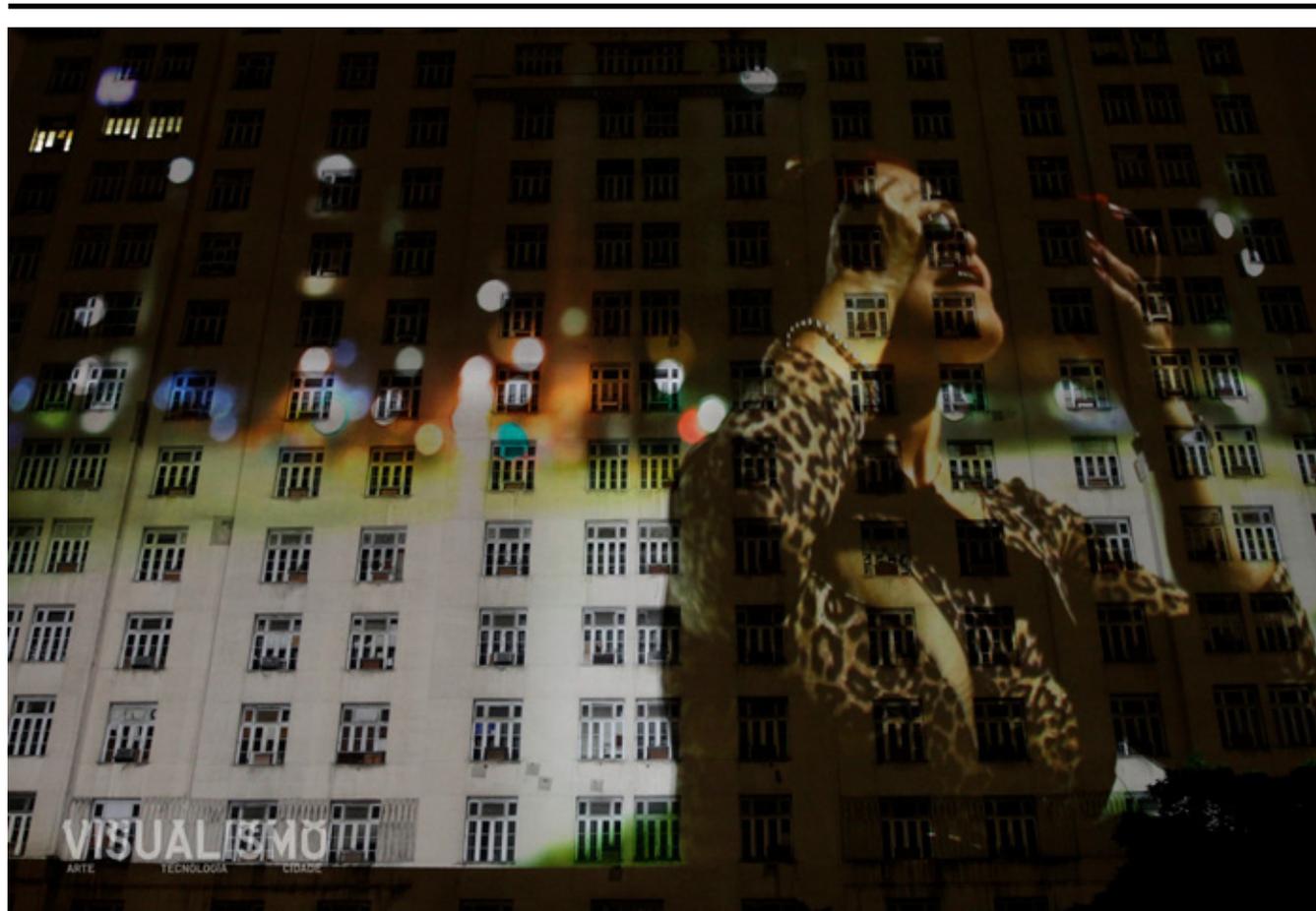
---

→ →  
vista da exposição  
*Studio Butterfly e outras fábulas*,  
2014–2015  
Galeria Nara Roesler  
São Paulo, SP  
Foto © Rafael Adorjan









A artista dá prosseguimento à essa pesquisa em *Cais do corpo*, uma reflexão sobre a prostituição e a gentrificação na Praça Mauá. O filme foi realizado durante as derradeiras etapas da “revitalização” da praça localizada na zona portuária do Rio de Janeiro. Segundo o curador Gabriel Bogossian, *Cais do Corpo* constitui-se como uma espécie de registro dos últimos dias do universo de prostituição que florescia na região desde a década de 1930. Abordando sob um olhar crítico os projetos urbanísticos que gentrificam zonas inteiras das cidades sem propor nenhuma iniciativa de inclusão social, o trabalho encara a performatividade do corpo das prostitutas como prática social e política na qual se comunicam, às vezes de modo singelo, erotismo e resistência.

---

*Cais do corpo*, 2015  
impressão digital sobre metacrilato  
58 x 88 cm



---

*Cais do corpo*, 2015  
4 impressões digitais em metacrilato  
e 1 vídeo (cor, som stereo)  
20 x 30 cm cada foto  
7'03" (vídeo)

---

→  
vista da exposição  
*Nada levarei quando morrer, aqueles  
que me devem cobrarei no inferno*,  
2017  
Galpão Vídeo Brasil  
Foto © Pedro Napolitano Prata







---

## o espaço e o indivíduo

No trabalho de Virginia de Medeiros, muitas vezes encontramos a tensão entre o público e o privado, a dimensão individual e a coletiva. Em seus trabalhos a artista busca tensionar essas categorias, mostrando seus imbricamentos e conexões, nos fazendo repensar essas categorias.

*Fala dos Confins* (2010) é uma videoinstalação produzida no território da Bacia do Jacuipe, sertão da Bahia. Durante vinte dias a artista cruzou o território em uma Kombi batizada de Catariana, encontrando-se com poetas populares, romanceiros e pessoas comuns que fazem do ato de falar um ato criativo. Sabendo que na oralidade coexiste o possível e o impossível, a artista, munida de um gravador, partiu para busca de registros sonoros de “causos” sertanejos, a fim de criar um espaço insólito de escuta – na qual a interpretação do contador, suas pausas, suspiros e entonações acabam por constituir a matéria visual.



---

*Fala dos Confins*, 2010  
videoinstalação  
20"



Com financiamento do Edital Apoio a Residências Artísticas no Exterior do Fundo de Cultura da Bahia, Virginia de Medeiros realizou *Mulheres no Timor* (2009). O trabalho atuou como projeto de recuperação e pavimentação da Praça Rosa Muki Bonapart, ícone feminino pela libertação do país. Os seixos utilizados no processo de revitalização foram comprados de mulheres timorenses e traziam, em si, assinaturas de mulheres do país, que foram convidadas para realizar tal gesto a partir de um anúncio de rádio. Os nomes dessas mulheres, registrados na pedra, nos fazem refletir sobre a atuação feminina na criação de espaços de sustentação na sociedade.

*Mulheres no Timor*, 2009  
intervenção urbana  
Praça Rosa Muki Bonapart,  
Timor Leste  
Foto © Virginia de Medeiros

---

*Quem passar por cima verá* (2003) é uma instalação em que a artista problematiza os estereótipos presentes em imagens femininas. O trabalho parte da coleção da artista de imagens veiculadas pela mídia de mulheres famosas. Virginia de Medeiros compara essas imagens com seu próprio arquivo pessoal em que ela se percebeu reproduzindo as mesmas poses presentes nas revistas. Ela então ampliou as imagens em preto e branco e as transferiu para lajotas de cimento dispostas no chão do espaço expositivo. Segundo o curador Tadeu Chiarelli, “disposta no chão, tomando toda a extensão do espaço dedicado ao fluxo do público, a artista assim obriga o visitante a caminhar sobre sua intervenção. Ao fazê-lo, as lajotas tendem a trincar e quebrar, ao mesmo tempo em que as imagens impressas tendem a perder cada vez mais a nitidez. Com o tempo, destruído o trabalho, ele se transforma quase num ritual de morte simbólica de um estereótipo de mulher que, durante décadas, vem sendo reforçado pelas imagens copiosamente divulgadas pelos meios de comunicação.”





---

Em *Falha* (2007), Virgínia de Medeiros cria uma aproximação entre duas cidades diferentes: Québec, no Canadá, e Salvador, no Brasil. A artista parte de uma falha geológica de Québec, responsável por conferir à cidade uma topografia singular que remetia à da capital baiana. Contudo, para Medeiros a falha não é apenas um dado espacial, mas também ideológico, significando uma quebra de certezas e valores dominantes. O projeto contou com colaboração da arquiteta-urbanista Silvana Olivieri e da artista visual Emilie Baillargeon. Medeiros criou uma videoinstalação a partir de suas caminhadas na cidade e encontros com alguns de seus habitantes.

---

*Falha*, 2007  
vídeo-instalação, performance  
Colaboradores  
Silvana Olivieri, Emilie Baillargeon

---

→  
vista da exposição  
La Cambre Blanche  
Quebec, Canadá



Vois, ce soleil qui brille. Ce soleil-là c'est le  
Saint Esprit de Dieu qui nous illumine.

---

*Redobras* (2003) é uma intervenção feita na fachada de uma casa 423, na Rua do Sodré, centro de Salvador. O casarão funcionava como uma pensão para travestis que Virginia de Medeiros frequentava desde 2000. A proprietária, a travesti Rosana, faleceu em 2002, vítima da AIDS, e, logo depois, por apresentar risco de desabamento, a pensão foi fechada. A artista traz para o espaço público a memória afetiva de Rosana ao projetar na fachada da casa fotomontagens de seus objetos, fotos de família e registros pessoais. O público era então confrontado com a dimensão íntima de Rosana, dando espessura à subjetividade travesti que é continuamente marginalizada em nossa sociedade.

---

vista da exposição  
*Redobras*, 2003  
Festival da Livre Expressão Sexual  
Salvador, Bahia  
Foto © Virginia de Medeiros



---

nara roesler

---

---

**são paulo**

avenida europa 655,  
jardim europa, 01449-001  
são paulo, sp, brasil  
t 55 (11) 2039 5454

---

**rio de janeiro**

rua redentor 241,  
ipanema, 22421-030  
rio de janeiro, rj, brasil  
t 55 (21) 3591 0052

---

**new york**

511 west 21<sup>st</sup> street  
new york, 10011 ny  
usa  
t 1 (212) 794 5038

---

[info@nararoesler.art](mailto:info@nararoesler.art)

[www.nararoesler.art](http://www.nararoesler.art)